POR JOÃO CARLOS SAMPAIO

LAMPEJOS

DOSSIÊ ANIMAÇÃO

A ANIMAÇÃO QUE BROTA DISTANTE DOS GRANDES CENTROS

Bem distante da realidade internacional do brasileiro Carlos Saldanha, expoente da produtora norte-americana Blue Sky, famoso pela colaboração na série *A era do gelo* e autor do longa-metragem *Rio* (2011), a animação nacional se alicerça a partir de esforços individuais. Esforços muitas vezes solitários e isolados, acontecendo na tela com o mesmo "sopro milagroso" que põe em movimento personagens nascidos no papel (e ultimamente também nas telas de computador).

Se mesmo nos grandes centros econômicos e produtores de audiovisual do país, Rio de Janeiro e São Paulo, a animação aparece apenas como uma atividade periférica da sétima arte, filão mais valorizado apenas no mercado publicitário, "fora do eixo" tudo parece ainda mais improvável e complicado. Uma longa história de superação, que começou ainda nas primeiras décadas do século passado.

Os registros mais antigos sobre a animação no Brasil dão conta de que o filme pioneiro nasceu no Rio de Janeiro, a produção *O Kaiser*, do cartunista Seth (Álvaro Marins), lançada em 22 de janeiro de 1917. No ano posterior, em São Paulo, surgiu *Aventuras de Bille e Bolle* (1918), de Eugenio Fonseca Filho.

Durante os anos seguintes, o eixo Rio-São Paulo continuou sendo não somente o principal polo de produção de cinema no país, mas também de animação, que aparecia esporadicamente, entre um e outro filme, ou, até mesmo, como um recurso narrativo. Um bom exemplo é o documentário *Operação de estômago*, do carioca Luiz de Barros, que tinha um minuto animado para mostrar a prâxis cirúrgica.

Pioneirismos

No entanto, saiu de Fortaleza um dos primeiros animadores do Brasil, o cartunista cearense Luiz Sá, que desde a juventude colaborava com desenhos para revistas de sua terra. Em 1928, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou uma carreira de sucesso nos jornais, culminando com o êxito na irônica publicação O Malho e, por fim, na revista O Tico-Tico, a mais famosa publicação de histórias em quadrinhos da primeira metade do século XX.

Entre 1938 e 39, Luiz Sá produziu a animação *As aventuras de Virgulino*, mergulhando no imaginário de Lampião e do cangaço. Uma espécie de investida nas suas raízes nordestinas, que se alimentava da então recente notícia da caçada e morte do líder cangaceiro. Há registros de que a única cópia do filme foi doada para o patrocinador, que recortou os quadros para presentear a clientela.

O mineiro Humberto Mauro, oriundo do famoso Ciclo de Cataguases, foi pioneiro também na animação. *O dragãozinho manso* (1942) é um filme de 18 minutos, realizado com bonecos para o INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo. Mesmo em alguns dos seus trabalhos mais famosos, como no musical *A velha a fiar* (1964), Mauro faz uso de animação, num primitivo *stop motion* (cena fixa animada na montagem).

O primeiro longa-metragem brasileiro de animação, *Sinfonia Amazônica*, de Anélio Lattini Filho (1953), foi ambientado no seio da nossa maior floresta. Já o amazonense Álvaro Henrique Gonçalves, conhecido como cartunista e autor de histórias em quadrinhos, finalizou o seu *Presente de Natal*, em 1970, já em São Paulo. O filme se tornou o primeiro longa de animação em cores produzido por aqui.

Em cima O dragãozinho manso, em baixo Boi Aruá

A verdade é que até a década de 1960, quando foi criado o Centro Experimental de Animação de Ribeirão Preto, a atividade no país era totalmente dispersa e pouco significativa. Outro grande marco do gênero foi a realização do I Festival Internacional de Cinema de Animação, no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, em 1965. A partir desses acontecimentos é que mais profissionais foram se formando.

De Minas à Bahia

A exemplo do núcleo de Ribeirão Preto, Minas Gerais também viveu um *boom* a partir da criação do Núcleo de Animação na Escola de Belas Artes, já na década de 1980. De lá saíram nomes importantes, herdeiros de iniciativas pioneiras da década anterior. Uma dessas realizações mineiras foi a animação de curta-metragem *Criação ou Entre o princípio do prazer e o princípio da realidade* (1977), de Helvécio Ratton e Fausto Hugo Prats. No ano seguinte, outro exemplo vindo das Gerais foi *O mágico* (1978), assinado pelo artista plástico Luiz Bandeira de Mello.

Na Bahia, também com formação nas artes plásticas surgiu outro realizador de atividade pioneira, Chico Liberato. A partir de desenhos à mão livre criou o longa *Boi Aruá* (produzido entre 1981 e 1985), uma realização artesanal, inspirada nos motivos da xilogravura presentes nas ilustrações da literatura de cordel.

Depois de uma longa trajetória realizando curtas-metragens e destacando-se como criador dos cartazes da Jornada Internacional de Cinema da Bahia, festival que por quase 40 anos (1973-2011) se manteve como o principal evento do estado, Liberato realizou seu segundo longa-metragem, *Ritos de passagem*, somente em 2012. Ainda inédito nos circuitos

Wood & Stock: sexo, orégano e rock'n'roll

convencionais, o filme retoma o mesmo tipo de tratamento do sertão de *Boi Aruá*, mas desta vez mesclando o traço rústico do artística com técnicas digitais modernas, incluindo cenários em 3D. Se no filme anterior Chico Liberato falava de uma lenda nordestina (a do boi mágico), agora, com *Ritos de passagem*, ele cria uma abordagem inspirada na mitologia grega, mas também trabalhando tipos do imaginário popular do Nordeste, os símbolos do "guerreiro" e do "santo", recorrentes no cinema de outro baiano, Glauber Rocha.

Os gaúchos

Também fora do eixo Rio-São Paulo, outro polo emergente a partir dos anos 1980 foi o do Rio Grande do Sul. De lá surgiram curtas-metragens como *O Natal do burrinho* (1984), *As cobras* (1985) e *O reino azul* (1989), produtos da turma liderada por Otto Guerra, Lancast Motta e José Maia. Otto Guerra, por sinal, realizaria, em 1994, a sua estreia em longa-metragem com a sátira aos filmes de faroeste *Rocky & Hudson, os cowboys gays*, personagens que saíram das tirinhas de histórias em quadrinhos para a tela. O trabalho de animação é, possivelmente, o mais eficiente realizado nos anos 1990.

Mais recentemente, em 2006, Guerra realiza seu segundo longa-metragem, desta vez adaptando os famosos personagens do cartunista paulista Angeli, em *Wood & Stock: sexo, orégano e rock'n'roll*. A fita é um tributo a um dos expoentes da Revista Circo, referência das histórias em quadrinhos nacionais, surgida nos 1980 e responsável por uma releitura das vanguardas da contracultura. Aliás, o filme de Otto Guerra privilegia os personagens "ripongas", criados para refletir os costumes da década anterior. O resultado é uma animação tecnicamente muito bem resolvida, que apresenta os mais famosos tipos criados por Angeli com toda a carga urbana e aspecto de crítica de costumes que embala sua obra. O filme emula as ideias, mas é muito inventivo ao supor a atmosfera e repensar o ritmo para esta versão audiovisual do que já era sucesso nos impressos de jornal e publicações do criador paulista.

Meow!

Popularização e mudança

É interessante notar que qualquer pesquisa que se faça a respeito da animação brasileira detecta inúmeros artistas chamados de pioneiros, em cada região. O fato é que, durante muitos anos, a animação se sustentou de iniciativas isoladas, que não se comunicavam entre si. Talvez o marco para uma mudança de rumos neste processo de isolamento dos animadores brasileiros seja a popularização da atividade com o surgimento de eventos e festivais específicos, notadamente o Anima Mundi, que passou a reunir filmes brasileiros e estrangeiros numa grande vitrine anual a partir dos anos 1990.

Nesse aspecto foi decisiva a presença de Marcos Magalhães, que após um intercâmbio no Canadá, no National Film Board, criou um curso em 1986, que viria ser formador de uma nova geração de animadores, além de aglutinar os que já atuavam no país. Magalhães é o autor de *Meow!* (1981), curta-metragem que ganhou o prêmio especial do júri de Cannes.

A partir de então, a popularização dos filmes animados permitiu que fossem surgindo profissionais de destaque em outros estados brasileiros.

À esquerda, BRichos, à direita, Vida Maria

Do Paraná

No Paraná, Tadao Miaqui produziu filmes como *Projeto Pulex* (1991), *Cá entre nós* (1994) e *O arraial* (1997). Por sua vez, o engenheiro Paulo Munhoz, curitibano que abraçou o cinema em meados dos anos 1980, viria chamar a atenção com *Pax*, obra lançada em 2005, que conquistou vários prêmios de curta-metragem com sua narrativa sobre os desencontros da diplomacia internacional, uma espécie de revisão da história bíblica da Torre de Babel.

Munhoz é autor de dois longas-metragens recentes, dedicados ao público infantil. O primeiro deles é *BRichos* (2007), que utiliza animais da fauna nacional como mote para tratar da diversidade da cultura brasileira. A fita tem uma acomodação de ideias de cartão-postal sublinhando alguns estereótipos, o que talvez seja tanto o seu ponto mais frágil como história, mas também o segredo da sua boa comunicação. Uma acolhida, aliás, que permitiu uma continuação, lançada no ano passado, *BRichos - A floresta é nossa*.

Mais nordestinos

Em Pernambuco, paralelamente ao surgimento de Chico Liberato na Bahia, iniciou-se no cinema de animação o realizador Lula Gonzaga de Oliveira, que também mergulhou na temática nordestina para criar obras como *A saga da asa branca* (1979) e *Cotidiano* (1980), ambas de curta metragem.

Já o Ceará entrou em cena com Telmo Carvalho, autor do curta *O músico e o cavalo* (1986), que correu festivais com a lírica narrativa sobre um cavalo amestrado que se une a um sanfoneiro para encontrar um jeito de sobreviver dignamente. Carvalho voltaria a chamar a atenção nos anos 1990, especialmente com o premiado *Campo branco* (1997), curta que mistura desenhos com performances de atores de carne e osso.

O nordestino e o toque de sua lamparina (1998) é outro curta cearense que teve grande visibilidade. O trabalho foi criado a partir de argumento e desenhos de Ítalo Maia, que tinha apenas 13 anos quando imaginou a história de um agricultor que se depara com uma "lâmpada maravilhosa", inspirada no conto *Aladim*, das *Mil e uma noites*.

Do Ceará vem também um dos curtas brasileiros mais premiados em todos os tempos, com carreira que se expandiu além das fronteiras nacionais. Trata-se da animação *Vida Maria*, de Márcio Ramos, lançada em 2006. Sem usar diálogos, o filme trabalha com elipses aceleradas, que denunciam a rotina com poucas perspectivas para a mulher nordestina, radicada nos grotões mais áridos, fadada a repetir, desde a infância, a sina secular de um vida de afazeres domésticos e no campo.

Brasília

O Distrito Federal aparece no cenário da animação, nesta safra recente, com Ítalo Cajueiro, que, com seu sobrenome herdado de uma genuína planta nativa do Norte e Nordeste do país, reproduz temáticas caras à gente do interior. Cajueiro é autor de dois curtas-metragens

Céu, inferno e outras partes do corpo

de grande circulação em festivais. O primeiro deles é *O Lobisomem e o Coronel* (2002), fita codirigida pelo artista Elvis Kleber Figueiredo. A trama parte da tradição dos cantadores (trovadores nordestinos) para contar uma história de assombração, que bebe direto na fonte dos mitos populares.

No ano seguinte, o cineasta apresentou *A moça que dançou depois de morta* (2003), produzido a partir de xilogravuras de J. Borges, um dos principais ilustradores da literatura de cordel nordestina. O filme tem a característica de criar poucos elementos animados, mantendo o aspecto e a perspectiva dos desenhos originais. Mais recentemente, Ítalo Cajueiro mergulhou no seu primeiro curta-metragem com temática urbana, o policial *Reconhecimento* (2009), que traz as mudanças no relacionamento de um casal após o episódio de um sequestro-relâmpago. No momento, Ítalo empenha-se na realização de seu primeiro longa-metragem.

A ilha

Outro realizador de Brasília que desponta recentemente no cenário nacional é Alê Camargo, integrante da novíssima geração, que trabalha com computação gráfica e recursos 3D. Assim são seus dois curtas mais conhecidos. *Calango!* (2007) traz uma perseguição nas esferas mais baixas da cadeia alimentar. Com *A ilha* (2008), Alê Camargo faz uma sátira à correria da vida urbana contemporânea como matriz da solidão humana.

Novos gaúchos

Mercúrio

Na virada para os anos 2000, o cartunista e animador gaúcho Allan Sieber surpreendeu com seu traço sujo e suas tramas iconoclastas. Segue a tradição do flerte com a contracultura da geração de Otto Guerra. Em *Deus é pai* (1999), trata dos problemas domésticos entre Deus e seu filho Jesus Cristo. Já radicado no Rio de Janeiro, Sieber fez uma sátira à arte contemporânea com *Onde andará Petrucio Felker?* (2001). Depois dirigiu filmes com tramas "bem cariocas" como *Santa de casa* (2006) e *Bolaoito talkshow* (2009).

Ao mesmo tempo, Lancast Mota, da geração anterior, fez mais dois curtas com o universo de Kactus Kid. O primeiro, *Kactus Canini Kid, uma graficobioanimada* (2004), quase uma revisão do personagem, e depois o curta simplesmente batizado de *Kactus Kid* (2005).

Trabalhando com bonecos e animação por computador, os animadores gaúchos têm pelo menos um grande sucesso recente, *Os olhos do pianista* (2005), de Frederico Pinto, um êxito em festivais. No entanto, na tradição da contracultura, surgiu *Céu, inferno e outras partes do corpo* (2011), curta malcriado e cheio de conteúdo adulto realizado por Rodrigo John.

Mineiros malvados

Minas Gerais voltou a revelar grandes talentos com a aparição de Sávio Leite, realizador também alinhado com as temáticas da contracultura. Sua série de curtas batizada com nomes de planetas – *Plutão* (2004), *Mercúrio* (2007) e *Terra* (2008) – trazem estranhezas e motes simbólicos, cujas narrativas têm na provocação a sua principal demanda. Homenageando uma das matrizes de sua arte, ele fez um documentário animado com o quadrinista e escritor paulista Lourenço Mutarelli, autor de obras sobre neuroses urbanas e crônicas despudoradas.

Sávio Leite é também o criador de uma espécie de contraponto ao Anima Mundi. Trata-se do Festival MUMIA - Mostra Udigrudi Mundial de Animação, que criou uma importante janela em Minas Gerais para as "animações malditas". O evento terá este ano a sua 11ª edição. Em maio último, como organizador ele lançou *Subversivos - O desenvolvimento do cinema de animação em Minas Gerais*, livro com uma coletânea de textos que contam a história da animação em seu estado, contextualizando-a diante do cenário brasileiro.

Leonardo Cata Preta é outro que dá vazão a esta vertente da animação mineira, que flerta com esquisitices para tratar de questões eminentemente humanas. Em *Moradores do 304* (2007), ele parte de um poema de Carlos Drummond de Andrade para tratar de um tipo solitário atormentado por estranhas criaturas. Com *O céu no andar de baixo*, talvez uma das mais criativas e inteligentes produções animadas de todos os tempos, Cata Preta conta a história de um sujeito portador de uma deficiência física que se torna um contumaz fotógrafo do céu. Misturando várias técnicas de animação, a fita é uma colagem que traz uma redenção quase impossível para este anti-herói, um amor que surge de onde ele menos esperava.

Talentos como Leonardo Cata Preta continuam brotando por todo o país, mesmo longe do eixo Rio-São Paulo. As possibilidades trazidas pela evolução digital, com economia de recursos e facilidade na produção, têm permitido que boas ideias ganhem movimento, estabelecendo perspectivas estimulantes para a animação brasileira. Uma equação que se torna cada vez mais possível, especialmente com os espaços abertos na televisão pelos recentes mecanismos legais de reserva de mercado. ■

O céu no andar de baixo